

O papel dos avós na maternidade adolescente

The grandparent's role in adolescent's maternity

Deusivania Vieira da Silva **FALCÃO**¹

Nádia Maria Ribeiro **SALOMÃO**²

Resumo

O presente estudo enfoca a figura dos avós a fim de apresentar o papel que exercem, especificamente, diante da maternidade adolescente. Nesse prisma, apresentam-se conteúdos acerca dos aspectos psicossocial e familiar envolvendo a vertente transgeracional das relações. Verificou-se que a maioria das pesquisas enfatiza a figura das avós maternas dos bebês. Em suma, foi constatado que há pelo menos três situações típicas a serem observadas nos relacionamentos avós-mães adolescentes: os avós que assumem a responsabilidade pelo cuidado infantil; os avós que ficam envergonhados com a gravidez, têm pouca confiança na maturidade da adolescente, e se tornam tão restritivos que o desenvolvimento da adolescente como mãe é inibido; a adolescente que assume a responsabilidade pelo cuidado da criança, ficando os avós disponíveis apenas como fonte de apoio. Todavia, em algumas pesquisas constatou-se por parte das avós maternas a existência de conflitos na delimitação de papéis entre ser mãe e ser avó dos bebês.

Palavras-chave: avós; adolescentes; família; gerações; mãe adolescente; relação mãe-filho.

Abstract

The present study focus the grandparent's role specially in adolescent's maternity. In this context, psychosocial and familiar aspects involving the relations between different generations are discussed. It was verified that the majority of the researches has emphasized the maternal grandmothers. The data has confirmed that does exist at least three adolescent mothers-grandmothers typical situations: the child's care responsibility assumed by the grandparents; the adolescent motherhood inhibition though the grandparents situation control, as they have no trust in the adolescent's maturity and were very much embarrassed with this adolescent pregnancy; and the adolescent's motherhood total assumption with the grandparent's support role. Nevertheless, in some researches conflicts about the mother –grandmother roles were identified in some maternal grandmothers.

Key words: *grandparents; adolescents; family; generations; adolescents mothers; mother child relations.*

A adolescência e a maternidade são períodos de mudanças que implicam uma série de transformações tanto individual como grupal e familiar. Para estudar, trabalhar ou exercer atividades de lazer, as mães adolescentes, muitas vezes, necessitam de ajuda nos cuidados com os bebês. Nesse prisma, qual o papel

que assumem os avós na dinâmica familiar? Como se estabelecem as relações transgeracionais? São os avós que ensinam como cuidar das crianças? Este estudo tem como objetivo realizar uma revisão de literatura acerca do papel dessas figuras na família e, especificamente, na maternidade adolescente.

▼ ▼ ▼ ▼ ▼

¹ Doutoranda em Psicologia, Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil. E-mail: <deusivania@unb.br>.

² Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba. Campus Universitário, s/n, 58059-900, João Pessoa, PB, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: N.M.R. SALOMÃO. E-mail: <nMrs@uol.com.br>.

O papel dos avós: aspectos psicológicos, sociais e familiares

A longevidade humana vem favorecendo o crescimento do número de famílias nas quais coexistem três e mesmo quatro gerações. Diante das transformações ocorridas nos âmbitos psicossocial e familiar, os avós aparecem como figuras peculiares ao expressarem, através de suas histórias, o desenrolar das mudanças e reformulações da vida em família.

No Brasil, festeja-se, no dia 26 de julho, o dia dos avós. Nessa data, algumas escolas incentivam os alunos a escreverem cartas para os avós, a telefonarem para eles, a convidá-los para narrarem histórias ou desenvolverem outras atividades na sala de aula. Segundo Rossi (2000), celebra-se nesse dia a festa de São Joaquim e Sant'Ana, pais da Virgem Maria, avós de Jesus. De acordo com Costa (1998), a Sant'Ana tem destaque para os católicos e para as religiões afro-brasileiras, representando as avós de todos os orixás, Nana Buruquê. Diga-se de passagem que os registros sobre Sant'Ana estão nos evangelhos canônicos e ela é vista como mulher paciente, exemplo seguido por Maria.

Pesquisas têm apontado a importância dos papéis de avós em algumas situações, tais como: maternidade na adolescência (Spieker & Bensley, 1994; Silva & Salomão, 2003); divórcio e recasamento dos filhos (Gladstone, 1991; Jaskowski & Dellasega, 1993; Douglas & Ferguson, 2003); excepcionalidade da criança (Seligman, 1991); uso de droga pelos pais de seus netos (Haglund, 2000); e morte do pai ou da mãe da criança (Becker, 2000).

Na revisão de literatura realizada por Dias e Silva (1999), pôde-se detectar que a maioria das pesquisas sobre essas figuras provém dos Estados Unidos, havendo alguns artigos oriundos do Canadá e da Inglaterra. Assim sendo, foi sinalizado que há uma escassez de estudos realizados no Brasil. Também foi visto que houve um aumento no número de pesquisas concernentes aos avós, sobretudo na década de 80. Entre os fatores que contribuíram para tal interesse, destacaram-se os seguintes: a maior expectativa de vida do ser humano; o trabalho da mulher fora do lar; a aceitação social de pais solteiros; o uso de drogas e a incidência de divórcios, recasamentos e AIDS dos pais.

Se existem ambigüidades e divergências de opinião sobre a importância dos avós na família e na sociedade, elas se devem em parte às múltiplas conotações do termo "avós", podendo adquirir os seguintes significados: pessoas idosas; prescrição de um papel ou função; *status* social ou posição na sociedade (Fischer, 1983). Na Europa, até o século XVIII, a imagem dos avós estava vinculada à velhice e à morte. No decorrer dos anos essa imagem foi sendo modificada e diversos avós estão se exercitando fisicamente, desenvolvendo uma atividade profissional, com vida social ativa (Peixoto, 2000).

Uma pesquisa realizada pela *America Online* (Dulles, 2000) revelou que a Internet é muito importante na vida dos avós americanos, pois quase a metade (45%) dos netos que participaram da pesquisa afirma que conversam mais com os avós *on-line* e, por vezes, os ensinam a se conectarem à rede. Johnson (1983) denotou a idéia de que muitos avós rejeitaram as funções de dominação e autoridade em função de uma imagem calorosa, ativa e amigável, atendendo às necessidades do papel com prazer. A título de ilustração menciona-se o grupo argentino de defesa dos direitos humanos conhecido como "Avós da Praça de Maio", inicialmente denominado, "Avós com Netinhos Desaparecidos", fundado em 1977 durante a ditadura militar na Argentina. Esse grupo foi criado por doze mulheres que buscavam os netos desaparecidos nas mãos dos militares e, ainda nos últimos tempos, continuam lutando para descobrir o paradeiro de bebês seqüestrados nos cárceres da ditadura, onde muitas mulheres grávidas eram prisioneiras políticas. O grupo já recuperou 73 netos, e continua rastreando o paradeiro de outros (Reuters, 2002).

Realizando uma breve retrospectiva, no início da década de 70, Kahana e Kahana (1971) apontaram que o estudo do papel dos avós pode ser focado nos níveis: social, envolvendo o *status* e as expectativas de papel por parte da família e da sociedade; emocional, consistindo na experiência intrapsíquica dos avós; transacional, entre a criança, o adolescente, o jovem adulto e as pessoas idosas, envolvendo interação, reciprocidade e influência mútua entre eles; simbólico, significando continuidade, reflexão sobre idade e potencial, ou podendo indicar, ainda, independência financeira; parte de um processo grupal

da família, envolvendo o relacionamento e a interação entre três ou quatro gerações.

No final da década de 80, Jonhson (1988) demonstrou que o papel dos avós foi conceituado como social. Tal vertente constituiu a idéia de que suas ações eram exemplos sociais e, em parte, reguladas por leis e imposições da sociedade. Já na década de 90, Kaslow e Schwartz (1995) apresentaram a idéia de que era papel do(a) avô(ó): oferecer aos netos muito afeto e pouca repreensão; atuar como mediador (a) entre os pais e os netos; funcionar como fonte de compreensão em momentos tempestuosos da criança; falar sobre os acontecimentos de sua própria infância e da infância de seus filhos.

A pesquisa realizada pela Associação Americana de Aposentados (2001), envolvendo 800 avós com mais de 50 anos de idade, apontou que apesar da crença em muitas regiões de que os laços familiares entre gerações foram destruídos nas últimas décadas, os avós possuem relacionamento forte com seus netos. Os papéis mais desempenhados foram dar conselhos e contar histórias da família.

No estudo comparativo entre avós brasileiros e franceses de camadas populares realizado por Peixoto (2000), foi detectado que no Brasil, após a aposentadoria ou a viuvez, geralmente os avós passam a coabitar com um dos filhos ou, se possuem residência própria, um dos filhos adultos vai com a família morar com eles. Nas horas dedicadas aos netos, eles ajudam nos trabalhos escolares, práticas também observadas nas famílias francesas. Segundo Castro (2004), as avós coreanas também exercem forte influência na aprendizagem de leitura dos netos e muitas delas chegam a ficar nas janelas das salas de aula a fim de vigiá-los.

Algumas variáveis que podem influenciar os modos como os avós exercem seu papel no sistema familiar são as seguintes: dinâmica e estruturas familiares; aspectos geográficos; idade; gênero; estado civil; raça; estado de saúde dos avós; vinculação materna ou paterna; origem urbana ou rural; experiências com os próprios avós; características pessoais de cada membro da família; frequência de contato entre eles; atividades desenvolvidas em conjunto; aspectos socioeconômicos e culturais (Dias & Silva, 1999).

Os avós podem exercer uma influência favorável ou desfavorável na vida dos membros familiares. Thomas (1990), através de entrevistas com 69 mães (52 casadas e 17 separadas ou divorciadas), constatou que as divorciadas valorizaram a ajuda e o apoio moral fornecido pelas avós. As casadas aquilatavam a experiência de vida que eles podiam oferecer. Entretanto, ambas as mães enfatizaram a interferência dos avós na criação dos netos com conselhos não solicitados, os quais, segundo seus relatos, podiam ameaçar a harmonia das relações.

Malgrado o sistema familiar ser um espaço privilegiado de convivência, pode ser também um espaço de conflitos. Cada ciclo familiar exige ajustamento por parte de todas as gerações. Os versos e reversos desses ditames deflagram-se nas pesquisas, nos romances, nas poesias e nos contos. Lispector (1998), por exemplo, em seu livro "Laços de Família", rasgou o véu dos vários sentimentos presentes na vida do ser humano e, portanto, da família. Em "Feliz Aniversário", ela revelou os oitenta e nove anos da avó aniversariante que em seu íntimo denunciava a insatisfação com os filhos, os netos e as esposas escolhidas por eles. "A Incrível e Triste História da Cândida Erêndira e sua Avó Desalmada", de García Márquez (1972), também se enquadra nesse cenário. Levantando as cortinas desse conto, observa-se a adolescente que acabara de completar seus catorze anos banhando sua avó, que "mais parecia uma formosa baleia branca em sua banheira" (p.92), quando começou o vento da sua desgraça! Todavia, pode-se dizer que, independente da ênfase positiva ou negativa direcionada à figura dos avós, eles terminam exercendo um papel significativo na vida de muitas pessoas. Segundo Brazelton (1994), o vácuo que se cria ao redor de uma família que não mantém contato com os avós pode ser triste e solitário.

Algumas pesquisas (Eisenberg, 1988; Franks, Hughes, Phelps & Williams, 1993; Silva & Dias, 1998) também afirmam que as avós maternas são as preferidas pelos netos. Segundo Flaherty (1988), isso ocorre porque as filhas tendem a ter uma proximidade emocional maior com as mães do que os filhos. No estudo de Eisenberg (1988), o envolvimento das mulheres com suas famílias de origem revelava o quanto elas se identificavam com suas mães e suas

avós e buscavam ajuda para criarem seus filhos. Por conta do vínculo mãe e filha, Hoffman (1980) afirmou ainda que a avó materna exerce um papel maior na socialização dos netos, que varia desde ser substituída da mãe, até um papel ocasional de babá. Voltando o olhar para a maternidade na adolescência, o que se pode compreender? Qual o suporte oferecido por essas figuras às mães adolescentes? Há conflito de papéis entre avós e mães? Será que os avós estão satisfeitos com seus papéis?

Cabe salientar que, ao fazer referência às figuras dos avós, não se está, necessariamente, se referindo a pessoas idosas. Como ilustração, aponta-se o estudo de Hagestad e Burton (1986), realizado com avós maternas que foram denominadas de “hábeis” quando tinham idade entre 39 e 60 anos e de “precoces” quando se tornaram avós antes dos 38 anos, em virtude da gravidez de um(a) filho(a) adolescente.

O suporte oferecido pelos avós dos bebês na maternidade adolescente

A maternidade é compreendida como o processo que engloba gestação, parto, puerpério e criação dos filhos (Spieker & Booth, 1988). Na maternidade adolescente, é crucial o suporte emocional e financeiro oferecido pelos avós. Entre outras vantagens, Unger e Cooley (1992) consideram que o convívio com os avós favorece a educação das crianças. Como salientou Barros (1987), os avós se vêem como participantes do movimento de socialização da maternidade e da paternidade, papel adquirido especialmente pela experiência de vida. Assim sendo, com a chegada dos netos, a presença dos avós junto aos novos pais não apenas se modifica, mas também se intensifica, cabendo-lhes ensinar e auxiliar no desempenho das funções e a prosseguir na mudança inaugurada pelo nascimento. Diante dessas informações, indaga-se: será que as adolescentes estão preparadas para desenvolverem o papel de mães e suas mães o papel de avós?

Segundo Elster, McAnarney e Lamb (1983), as adolescentes estão sujeitas a situações de estresse que adversamente afetam o exercício da maternidade e, como resultado, elas se conduzem inapropriadamente como mães. Também para Spieker, Bensley, McMahan, Fung e Ossiander (1996), aquelas que foram vítimas

de abuso sexual possuem maior probabilidade de ter contato com serviços de proteção à criança, em virtude de comportamentos abusivos apresentados para com o próprio filho. Também o relacionamento da mãe adolescente para com o seu parceiro pode ter um papel de particular importância uma vez que afeta o seu relacionamento com o bebê.

Nos estudos de Vecchiolla e Maza (1989) foi detectado que apenas 19% a 25% dos pais biológicos dos bebês das adolescentes viviam com eles ou eram frequentemente envolvidos em seus cuidados. Na pesquisa realizada por Unger e Wandersman (1988), as mães que recebiam um bom suporte da família e dos parceiros conjuntamente eram mais responsáveis no exercício da maternidade. Contudo, vários pesquisadores afirmaram que na maternidade adolescente, frequentemente, os avós chegam a assumir o papel dos jovens pais (Oyserman, Radin & Benn, 1993; Flaherty, 1988). Pergunta-se: até que ponto assumir esse papel é favorável ou desfavorável para a dinâmica familiar? Existem outros papéis desempenhados pelos avós? Quais os avós (paternos ou maternos) que mais atuam na maternidade adolescente? Como fica a situação de famílias em que o casal adolescente ou a mãe adolescente solteira reside na mesma casa de sua família de origem? Como demarcar os limites entre ser pai e mãe e ser avô e avó do bebê?

As três gerações – avós, mães e bebês – vivendo junto: possibilidades e desafios

Um dos fenômenos registrados pelo estudo “Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios no Brasil”, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é o crescimento do número de netos e bisnetos que vivem com os avós e, em geral, são sustentados por eles. Em 1991, eram 2,5 milhões de netos e bisnetos e passaram a ser 4,2 milhões em 2000. Dentre outros fatores, ocorre que, muitas vezes, eles moram com os avós pelo fato de os pais não disporem de condições econômicas para criá-los sozinhos, devido ao divórcio, uso de drogas, morte dos pais e pela ocorrência da maternidade adolescente.

Nos Estados Unidos, as mães adolescentes que moram com seus pais são mais sujeitas a retornarem à escola e se graduarem, a receberem assistência nos cuidados com a criança e a alcançarem um melhor

nível de renda salarial do que aquelas que moram por conta própria ou com seus companheiros (Unger & Cooley, 1992). Spieker e Bensley (1994), em estudo com 170 adolescentes com um filho de um ano de idade, constataram que mesmo as mães que moravam com o companheiro demonstraram insegurança quando não dispunham da assistência da avó da criança. Outrossim, numa pesquisa realizada por Oyserman, Radin e Benn (1993), com adolescentes que continuaram morando com seus pais após a maternidade, ficou patente a influência não apenas da avó, mas, também, do avô do bebê no seu desenvolvimento.

Spieker e Bensley (1994) verificaram que, morando com os avós do bebê, a mãe adolescente tem mais chance de se tornar competente para assumir a responsabilidade de adulta. Todavia, com o passar do tempo, o efeito positivo da assistência familiar pode diminuir. O alto nível de envolvimento nos cuidados com o neto(a), por parte das avós, foi relacionado com conseqüências negativas para a criança. Na pesquisa de Black, Papas, Hussey, Hunter, Dubowitz, Kotch, English e Schneider (2002), realizada nos estados norte-americanos de Baltimore, Chicago, Seattle e Carolina do Norte, com 194 mães adolescentes de baixa renda, foi constatado que muitas das crianças que viviam com as mães e os avós tinham histórias de maus tratos. As crianças que possuíam menos problemas de comportamento moravam apenas com a família nuclear. Os autores também apontaram que as avós servem de apoio para mães adolescentes enquanto as crianças são ainda bebês, mas no decorrer do tempo esse arranjo pode causar estresse não apenas nas adolescentes, mas também nos avós, afetando o bem-estar e a saúde mental das crianças. Nos casos de mães adolescentes solteiras que moram apenas com as avós maternas dos bebês, sem outra figura parental, a pesquisa norte-americana de Steinberg (1987) apontou que as mães eram menos efetivas na disciplina dos filhos, mais suscetíveis à pressão dos colegas e mais prováveis de tomarem decisões sem o consentimento das avós.

No Brasil, a pesquisa de Fonseca (2000), realizada no interior da Bahia, também demonstrou que as adolescentes que moravam com seus pais pareciam ter mais dificuldades para exercer a

maternidade. Continuando no papel de filhas dependentes, o bebê era responsabilidade dos seus familiares, diminuindo, assim, o seu papel de mãe. Já as adolescentes que haviam constituído seu próprio núcleo familiar tinham que assumir a criação dos seus filhos. A pesquisadora também constatou que a diferença entre constituir uma nova família e viver com a família de origem parecia interferir na educação que as mães adolescentes davam aos seus filhos. Quando elas eram as "donas da casa", todos os cuidados com a criança e demais tarefas estavam sob seu controle e sua responsabilidade. No caso daquelas que moravam com seus familiares de origem ou com familiares de seus companheiros, percebia-se uma subordinação à "dona da casa", que assumia ou ajudava nas tarefas da maternidade, exercendo mais influência que elas na educação das crianças.

Lagôa (1991) mencionou que muitas adolescentes não agüentam a situação e entregam os filhos para suas mães, sendo essas crianças criadas como irmãs. Nessas situações ocorre muitas vezes o conflito de papel, ou seja, a ocorrência simultânea de dois (ou mais) conjuntos de pressões, de tal forma que o cumprimento de uma delas tornaria difícil ou mesmo impossível o cumprimento da outra (Salem, 1980). Na pesquisa de Silva e Salomão (2003) realizada com mães adolescentes e avós maternas dos bebês de baixa renda da cidade de João Pessoa, a maioria das mães morava com sua família de origem, as avós dos bebês assumiam mais o papel de cuidar/apoiar a filha e o(a) neto(a), desenvolvendo, muitas vezes, o papel de mães substitutas. Em alguns casos havia manifestações do desejo de registrar o(a) neto(a) como filho(a), denotando o conflito de papéis entre ser mãe e avó do bebê.

Segundo Knoplich e Guimarães (1999), o estudo designado *National Survey of Families and Householders*, realizado pela Escola de Saúde Pública da Universidade da Califórnia, verificou que 158 avós que ficaram responsáveis pela custódia e educação de seus netos por mais de dois anos tinham duas vezes mais depressão do que aqueles que não estavam com a custódia. Constatou-se ainda que, geralmente, a avó materna era mais sensível, o estado depressivo ocorria no início do processo de criação do(a) neto(a). Foi visto ainda que quanto mais jovens os avós, pior a depressão.

Entrementes, algumas pesquisas realizadas (Robertson, 1977; Crawford, 1981; Langer, 1990) assinalaram que grande parte dos avós de bebês de pais adultos expressou conforto, satisfação e prazer com o papel, avaliando-se como fonte de felicidade, de renovação biológica, de ajuda e sentindo-se responsável pelos netos. Muitos deles salientaram a renovação do entusiasmo e do interesse pela vida, bem como um revivescimento de sua experiência com os próprios avós. Houve poucos elementos de desprazer no papel e a autoridade não emergiu como um valor central. De acordo com Thomas (1989), a satisfação e o estresse com o papel de ser avô(ó) estão intrinsecamente relacionados com o desenvolvimento dos netos. À medida que o neto cresce, as avós passam mais tempo guiando a família com disciplina e conselhos de forma mais detalhada, enquanto que os avós passam mais tempo brincando.

Noutro estudo realizado por Thomas (1986), com 275 avós (divididos em três grupos etários: 45 a 60 anos; 61 a 69 e 70 a 90 anos) representando, respectivamente, os avós jovens, de meia-idade e idosos, foi visto que os dois primeiros grupos apresentaram ter mais responsabilidade com a disciplina do neto, cuidado e conselhos sobre a criação, do que o último. Destaca-se que não houve diferença entre os grupos acerca do nível de satisfação com o papel, porém, o grupo dos mais jovens expressou ter mais responsabilidade em dar conselhos sobre a criação dos mesmos. A pesquisadora levantou a hipótese de que os avós mais jovens se lembravam mais da criação de seus filhos e acreditavam que deveriam exercer um papel mais atuante.

Segundo Hagestad e Burton (1986), no caso dos avós precoces, pode existir um clima desfavorável em relação ao papel que desempenham, especialmente as avós, a quem compete o maior ônus. Nessa direção, a insatisfação delas tornou-se ainda maior quando assumiram a posição de mães substitutas. Para esses autores, tornar-se avó muito cedo implica dificuldades tanto individuais como familiares.

Considerações Finais

No presente estudo, verificou-se que a maior parte das pesquisas averiguadas enfatizou a figura das

avós maternas dos bebês diante da maternidade adolescente. Foi visto que, em suma, há pelo menos três situações típicas a serem observadas no relacionamento entre os avós dos bebês e as mães adolescentes: os avós que assumem a responsabilidade pelo cuidado infantil; os avós que ficam envergonhados com a gravidez, têm pouca confiança na maturidade e julgamento da adolescente, e se tornam tão restritivos que o desenvolvimento da adolescente como mãe é inibido; a adolescente que assume a responsabilidade pelo cuidado da criança, ficando os avós disponíveis apenas como fonte de apoio, não cuidando o tempo todo do bebê.

Outrossim, muitos avós ficam aliviados por não terem a responsabilidade primária como cuidadores, porém, a expectativa de ser um recurso e não uma interferência pode ser também opressiva, provavelmente porque é difícil para eles saberem quando estão ajudando ou interferindo. É importante que tenham vida própria, ou seja, que não vivam em função total dos netos, embora sejam fundamentais para, muitas vezes, amortecerem o estresse do casal e também para lhe dar a oportunidade de vivenciar a vida a dois.

A mediação dos pais é essencial no relacionamento entre avós e netos; os limites entre ser pais e ser avós devem ser demarcados, sendo função dos pais a responsabilidade pelos filhos. Dessa forma, é importante o respeito a cada função dos membros familiares a fim de estruturar um contexto harmonioso, saudável e socialmente produtivo. Também, do ponto de vista de alguns pesquisadores, para que ocorra uma boa relação entre os avós e os pais das crianças, é necessário que os avós só dêem conselhos e opiniões quando solicitados. "Aprender a cuidar dos filhos é algo que se dá através dos erros e não dos acertos" (Brazelton, 1994, p.523). Em suma, deve haver um aprendizado por parte dos pais, a ser desenvolvido por conta própria. Acredita-se que a participação dos pais dos adolescentes e dos adolescentes em programas socioeducativos durante a gravidez provavelmente favoreça uma melhor compreensão acerca do exercício materno e da delimitação de papéis entre ser pais e avós da criança.

Convém salientar que a maioria das pesquisas apontadas neste artigo é norte-americana e européia, ou seja, retrata uma realidade socioeconômica,

histórica e cultural diferente do Brasil. Para futuros estudos, faz-se mister investigar também a figura do pai do bebê, a participação dos avós maternos e paternos e de outros membros familiares envolvidos na questão. Algumas variáveis também merecem enfoque, tais como: a influência das proximidades e distâncias geográficas, a idade, o estado civil dos avós e dos pais da criança.

Referências

- Associação Americana de Aposentados (2001). Laços fortes unem avós e netos nos Estados Unidos. *Perspectivas Econômicas* [On-line serial]. Disponível: <http://usinfo.state.gov/>
- Barros, M.L. (1987). *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Becker, M.J. (2000). A ruptura dos vínculos: quando a tragédia acontece. In S.M. Kaloustian (Org.). *Família brasileira, a base de tudo* (pp.60-76). São Paulo: Cortez.
- Brazelton, T.B. (1994). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. São Paulo: Martins Fontes.
- Black, M.M., Papas, M.A., Hussey, J.M., Hunter, W., Dubowitz, H., Kotch, J.B., English, D., & Schneider, M. (2002). Behavior and development of preschool children born to adolescent mothers: risk and 3-generation households. *Pediatrics*, 109 (4), 573-580.
- Castro, C.M. (2004). A vovó na janela. *Veja*, (1879), 20.
- Costa, C. (1998). As avós também têm seu dia. *Diário de Pernambuco* [On-line serial]. Disponível: <http://www.dpnet.com.br/1998/07/26/urbana60.html>
- Crawford, M. (1981). Not disengaged: grandparents in literature and reality, an empirical study in role satisfaction. *Sociological Review*, 29, 499-519.
- Dias, C.M.S.B., & Silva, D.V. (1999). Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família, entre a tradição e a transformação* (pp.118-149). Rio de Janeiro: Nau.
- Douglas, G., & Ferguson, N. (2003). The role of grandparents in divorced families. *International of Law, Policy and the Family*, 17 (1), 41-67.
- Dulles, V. (2000). *Avós utilizam internet para manter contato com os netos* [On-line]. Disponível: <http://www.insinuancia.com.br/familia.html>
- Eisenberg, A.R. (1988). Grandchildren's perspectives on relationships with grandparents: the influence of gender across generations. *Sex Roles*, 19 (3/4), 205-217.
- Elster, A.B., McAnarney, E.R., & Lamb, M.E. (1983). Parental behavior of adolescent mothers. *Pediatrics*, 71 (4), 494-503.
- Fischer, L.R. (1983). Transition to grandmotherhood. *International Journal of Aging and Human Development*, 16 (1), 67-78.
- Flaherty, M. (1988). Seven caring functions of black grandmothers in adolescent mothering. *Maternal-Child Nursing Journal*, 17 (3), 191-207.
- Fonseca, A.L.B. (2000). *Práticas educativas no contexto das mães adolescentes*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Franks, L., Hughes, J., Phelps, L., & Williams, D. (1993). Intergenerational influences on midwest college students by their grandparents and significant elders. *Educational Gerontology*, 19, 265-271.
- Gladstone, J.W. (1991). An analysis of changes in grandparent-grandchild visitation following and adult child's remarriage. *Canadian Journal of Aging*, 8 (4), 355-365.
- Hagestad, G., & Burton, L. (1986). Grandparenthood: life context and family development. *American Behavioral Scientist*, 29 (4), 471-484.
- Haglund, K. (2000). Parenting a second time around: an ethnography of african american grandmothers parenting grandchildren due parental cocaine abuse. *Journal of Family Nursing*, 6 (2), 120-135.
- Hoffman, E. (1980). Young adults' relations with their grandparents: an exploratory study. *International Journal of Aging and Human Development*, 10 (3), 299-310.
- Jaskowski, S., & Dellasega, C. (1993). Effects of divorce on the grandparent-grandchild relationship. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing*, 16 (3), 125-133.
- Jonhson, C.L. (1983). A cultural analysis of the grandmother. *Research on Aging*, 5 (4), 547-567.
- Jonhson, C.L. (1988). Active and latent functions of grandparenting during the divorce process. *Gerontologist*, 28 (2), 185-191.
- Kahana, E., & Kahana, B. (1971). Theoretical and research perspectives of grandparenthood. *Aging and Human Development*, 2, 261-265.
- Kaslow, F., & Schwartz, L. (1995). *As dinâmicas do divórcio: uma perspectiva de ciclo vital*. Campinas: Psy.
- Knoplich, J., & Guimarães, B. (1999). Depressão das avós criando netos. *Revista de Atualização Médica* [On-Serial]. Disponível: <http://www.2.uol.com.br/ram/16/medipac.htm>
- Lagôa, A. (1991). Meninas e grávidas. *Revista Nova Escola*, 52, 10-25.
- Langer, N. (1990). Grandparents and adult grandchildren: what do they do for one another? *International Journal of Aging and Human Development*, 31 (2), 101-110.
- Lispector, C. (1998). *Laços de família: contos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Márquez, G.G. (1972). *A incrível e triste história da Cândida Erêndira e sua avó desalmada*. Rio de Janeiro: Record.
- Oyserman, D., Radin, N., & Benn, R. (1993). Dynamics in a three-generational family: teens, grandparents and babies. *Developmental Psychology*, 29 (3), 564-572.
- Peixoto, C.E. (2000). Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetiva e materiais. In

- C.E. Peixoto, F. Singly, V. Cicchelli (Orgs.). *Família e individualização* (pp.95-111). Rio de Janeiro: FGV.
- Reuters (2002). Grupo avós da praça de maio completa 25 anos. *Mundo*[On-line serial]. Disponível: <http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,5502,0l62781-EI294,00.html>
- Robertson, J.F. (1977). Grandparenthood: a study of role conceptions. *Journal of Marriage and the Family*, 166-174.
- Rossi, M. (2000). São Joaquim e Santa Ana abençoai nossos avós! *Correio da Paraíba* [On-line serial]. Disponível: <http://www.correiodaparaiba.com.br/>
- Salem, T. (1980). *O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares*. Petrópolis: Vozes.
- Seligman, M. (1991). Grandparents of disabled grandchildren: hopes, fears and adaptation. *Families in Society*, 147-152.
- Silva, D.V., & Dias, C.M.S.B. (1998). Relacionamento avós-netos adolescentes na percepção dos adolescentes. In Associação Brasileira de Terapia Familiar (Org.). *Anais do Congresso Brasileiro de Terapia Familiar*, 3 (pp.184-188). Rio de Janeiro: ABRATEF.
- Silva, D.V., & Salomão, N.M.R. (2003). A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. *Estudos de Psicologia*, 8 (1), 135-146.
- Spieker, S.J., & Bensley, L. (1994). Roles of living arrangements and grandmother social support in adolescent mothering and infant attachment. *Developmental Psychology*, 30 (1), 102-111.
- Spieker, S.J., & Booth, C.L. (1988). Maternal antecedents of attachment quality. In J. Belsky & T. Nezworski (Eds.), *Clinical implications of attachment* (pp. 95-135). Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Assoc.
- Spieker, S.J., Bensley, L., McMahon, R.J., Fung, H., & Ossiander, E. (1996). Sexual abuse as a factor in child maltreatment by adolescent mothers of preschool aged children. *Development and Psychopathology*, 8, 497-509.
- Steinberg (1987). The impact of puberty on family relations: effects of pubertal status and pubertal timing. *Developmental Psychology*, 23, 451-460.
- Thomas, J.L. (1986). Age and sex differences in perceptions of grandparenting. *Journal of Gerontology*, 41 (3), 417-423.
- Thomas, J.L. (1989). Gender and perceptions of grandparenthood. *International Journal of Aging and Human Development*, 29 (4), 269-282.
- Thomas, J.L. (1990). The grandparent role: a double bind. *International Journal of Aging and Human Development*, 31 (3), 169-177.
- Unger, D.G., & Cooley, R.N. (1992) Partner and grandmother contact in black and white teen parent families. *Journal of Adolescent Health*, 13, 546-552.
- Unger, D.G., & Wandersman, L.P. (1988). The relation of family and partner support to the adjustment of adolescence mothers. *Child Development*, 59, 1056-1060.
- Vechiolla, F.J., & Maza, P.Z. (1989). *Pregnant and parenting adolescents*. Washington, DC: Welfare League of America.

Recebido para publicação em 28 de abril de 2004 e aceito em 11 de abril de 2005.